



AS CONCEPÇÕES DE LINGUAGENS: APORTE NECESSÁRIO AO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA¹

Eliana Costa Bessa²

PG/UEMS/NEAD/CEPAD

RESUMO

O presente artigo traz uma reflexão acerca das três concepções de linguagens: Expressão do Pensamento; Instrumento de Comunicação e Interação. O conhecimento dessas teorias é importante para os professores de Língua Portuguesa, pois pode nortear sua prática em conformidade com os documentos oficiais como Parâmetros Curriculares Nacionais e recentemente a Base Nacional Comum Curricular que são embasados nestas concepções. Como base teórica pautou-se nas reflexões dos autores, Geraldi (1984); Travaglia (2002); Antunes (2003); Mendonça (2006); Bakhtin (2003) e Matencio (1994). O dinamismo da linguagem se reflete em suas várias faces adquiridas em diferentes momentos históricos e sociais como mostrou a reflexão teórica do círculo de Bakhtin, e esses estudos têm mostrado que os gêneros discursivos representam uma forma eficiente de trabalhar com a oralidade, escrita e leitura, numa perspectiva dialógica.

PALAVRAS-CHAVES: Ensino, concepções de linguagem gêneros discursivos.

ABSTRACT

This article presents a reflection about the three languages concepts: Expression of Thought; Instrument of Communication and Interaction. Knowledge of these theories is important for teachers of Portuguese, it can guide its practice in accordance with the official documents as National Curriculum Standards and recently the National Curriculum Common Base that are grounded in these concepts. As a theoretical basis was based on the reflections of the authors, Geraldi (1984); Travaglia (2002); Antunes

¹ Trabalho desenvolvido na disciplina da Prof. Dra. Adriana Chaves (Uems) [chaves.adri@hotmail.com](mailto:adri@hotmail.com).

² Prof. Dr. Marlon Leal Rodrigues orientador da dissertação de mestrado.



(2003); Mendonca (2006); Bakhtin (2003) and Matencio (1994). The dynamism of language is reflected in its various faces acquired in different social and historical moments as shown by the theoretical reflection of the Bakhtin circle, and these studies have shown that genres represent a efficient way of working with oral communication, reading and writing in a dialogic perspective.

INTRODUÇÃO

O conhecimento das diferentes concepções de linguagem é relevante para a prática docente, especialmente para o ensino da Língua Materna. Somente após conhecer essas concepções o professor poderá definir a mais adequada a seu contexto. Historicamente algumas mudanças vêm permeando o ensino. Em meados da década de 1970 e início de 1980 iniciou-se a divulgação de uma nova abordagem para o trabalho com a língua, dentro de uma concepção de linguagem interacionista. Nessa concepção, as regras gramaticais deixam de ser o eixo fundamental do ensino de linguagem, e abre-se espaço para o trabalho com oralidade, escrita e leitura, numa perspectiva dialógica.

A partir disso, alguns documentos oficiais reforçaram a necessidade de um ensino voltado para essa concepção de linguagem. Entre eles, os Parâmetros Curriculares Nacionais (MEC, 1998), e recentemente Base Nacional Comum Curricular (MEC, 2015). Ao se repensar o ensino/aprendizagem na perspectiva interacionista, pretende-se valorizar as práticas discursivas – leitura, oralidade, escrita dentro de vários contextos a partir dos gêneros discursivos.

Bolzan (2002, p.23) sustenta essa afirmação ao mencionar que “O que os docentes pensam sobre ensinar e aprender está relacionado às suas experiências e a sua formação profissional, o que exige que pensemos sobre quem ensina e quem aprende no processo de escolarização”. Nesse sentido, o objetivo desse trabalho é contribuir com a formação do



professor; visto que precisa-se melhorar o ensino de linguagem e a prática pedagógica no sentido dialógico pode ser um impulso vigoroso para trazer as mudanças que se almeja.

1- CONCEPÇÕES DE LINGUAGENS

Ao colocar em discussão ou análise a linguagem é importante destacar cada uma das teorias que historicamente a compõe. O cruzamento dessas informações permite a construção de sentidos da leitura e escrita, além de tornar visíveis lacunas e contradições das teorias que norteiam as práticas pedagógicas no ensino de linguagem. Travaglia (2002, p. 21) ressalta que “(...) o modo como se concebe a natureza fundamental da língua altera em muito como se estrutura o trabalho com a língua em termos de ensino.”

Partindo desse pressuposto, surge a necessidade de reapresentação das concepções de linguagens e suas mudanças, visto que ao que parece essas transformações ainda não se concretizaram nas práticas docentes, talvez por falta de formação continuada.

1.1-PRIMEIRA CONCEPÇÃO – A LINGUAGEM COMO EXPRESSÃO DO PENSAMENTO.

Enraizada na Grécia, esta teoria teve um longo percurso histórico até encontrar Saussure no século XX, que muito contribuiu para sua decadência. Identificou-se na década de sessenta, no Brasil uma tendência para prática da linguagem como expressão do pensamento. Estudava-se muitos textos literários e a metalinguagem, lembrando que a escola era elitizada, ou seja, somente as pessoas mais estabilizadas financeiramente tinham acesso a escola. Atualmente ainda há seguidores e livros didáticos que refletem bem esta teoria.

Nesta mesma década, surge um movimento pela educação popular, devido ao trabalho de Paulo Freire com a criação do Plano Nacional de Alfabetização. A presença mais marcante



da camada popular na escola trouxe um olhar para as variações. Na linguística, duas disciplinas ganham espaço, a Análise do Discurso e a Pragmática e aos poucos, novos caminhos são trilhados pela linguagem no Brasil.

Nesta concepção, a linguagem reflete o pensamento. O domínio da escrita está relacionado ao raciocínio lógico, por expressar o que está no campo interno, a mente. Para essa teoria o processo linguístico é individualizado e não altera no contato do contexto social, sendo necessário seguir regras para organizar o pensamento. Travaglia (2002, p.21), são elas que constituem as normas gramaticais do falar e escrever “bem”, que aparecem consubstanciadas nos chamados estudos linguísticos tradicionais que resultam no que se tem chamado de gramática normativa ou tradicional. (Terra, 2002, *apud*, Fuza, Ohuschi e Menegassi, 2011, p. 06).

Trabalhando o ritmo

Os dois poemas que você vai ler a seguir têm um ritmo bem marcado. Para percebê-lo, vamos organizar uma leitura expressiva. O poema Semente de alegria pode ser lido altamente por meninos e meninas: as meninas lêem o primeiro verso e os meninos, o segundo, e assim por diante. O importante é manter o ritmo e a expressividade durante a leitura. Para sentir melhor esse ritmo, acompanhe cada som com um leve bater de palmas. Quando o som for mais forte, acentue um pouco a força da batida. Antes da leitura definitiva, é bom treinar com seus colegas.
Para o poema Ritmo, que está na página seguinte, organize-se com os colegas para fazer um jogral.

(TERRA, E; CAVALLETE, F.2002, p 125).

Neste sentido, a leitura e a escrita são testes de capacidades, quem os realiza de forma satisfatória dominando as regras da gramática normativa é um indivíduo considerado dotado de pensamento lógico. E a língua considerada correta é a estruturada em regras, normatizada e precisa, enquanto as variedades são consideradas erros que devem ser evitados. Além disso, os desvios dessa linguagem normatizada revelam a incapacidade do indivíduo humano de raciocinar logicamente. Travaglia define esta concepção de linguagem nas seguintes palavras:



... as pessoas não se expressam por bem porque não pensam. A expressão se constrói no interior da mente, sendo sua exteriorização apenas uma tradução. A enunciação é um ato monológico, individual, que não é afetado pelo outro nem pelas circunstâncias que constituem a situação social em que a enunciação acontece.

(Travaglia, 1996, p. 21).

Nesta perspectiva, a língua é um processo imutável, sem variação, já que variação implica em flexão de pensamento o que é inaceitável nesta teoria, o que existe é uma única forma correta de linguagem, concretizada no ensino de linguagem pautada na gramática normativa/ prescritivas. . Possenti (1997, p. 64), afirma: “são todas aquelas gramáticas cujo conteúdo corresponde a um conjunto de regras que devem ser seguidas e, por isso, destinam-se a ensinar os sujeitos a falarem e a escreverem corretamente, sendo os transgressores de tais regras considerados grosseiros, caipiras, incapazes de aprender”.

O papel da escola quanto à linguagem é ensinar a forma padrão, por meio de exercícios que visem à interiorização das normas linguísticas, para que seja efetivada aprendizagem da língua oral e escrita. Aos alunos cabem assimilar passivamente as prescrições com a resolução de exercícios, quem não os realiza são considerados transgressores ou incapazes de aprender.

1.2 - SEGUNDA CONCEPÇÃO – A LINGUAGEM É INSTRUMENTO DE COMUNICAÇÃO.

Nesta concepção, se faz presente fortemente o emissor e o receptor, que devem ser conhecedores dos signos, códigos linguísticos para que possam emitir e receber mensagens. Os estudos da linguagem nessa concepção foram embasados em teóricos, como os de Ferdinand de Saussure (fundador do estruturalismo, no início deste século) e de Noam Chomsky (linguista americano que conduziu a gramática gerativo-transformacional)

A variedade padrão da língua é o instrumento usado para transmitir a mensagem e desenvolver a oralidade e a escrita e outras variedades da língua são desprezadas, portanto esta



concepção está ligada ao Estruturalismo e a Teoria da comunicação que concebem a língua como um código que transmite uma mensagem do emissor ao receptor. Neste sentido, o processo a Língua como instrumento de Comunicação limita ao estudo interno da língua e deixa de lado o contexto social. (Fuza, Ohuschi e Menegassi 2011, p.10) Apresentam um exemplo de uma atividade, do livro didático *Novo Diálogo: língua portuguesa*, da quinta série, em que há perguntas prontamente identificadas no texto.

Piratas no fim do mundo

Em julho de 1979, um velho barco pesqueiro de aço chamado Sea Shepherd zarpou de Boston e cruzou o Atlântico rumo à Europa. No timão do navio estava seu proprietário, o capitão Paul Watson, um jovem ambientalista canadense que tinha acabado de deixar tumultuosamente o Greenpeace, organização da qual era diretor e dum dos fundadores. Pouco depois de passar as ilhas Açores, a tripulação do Sea Shepherd avistou um navio. Era o Sierra, um baleeiro que, segundo as contas dos ambientalistas, já havia matado mais de 25 mil baleias em pouco mais de uma década. O Sierra era um navio pirata. (...)

(...)

O Sea Shepherd seguiu o Sierra até a cidade de Porto. Na manhã seguinte, Paul Watson anunciou para a tripulação seu plano: abalroar o baleeiro. (...)

Denis Russo Burgierman. Revista Superinteressante, nº 188. São Paulo, Abril, maio de 2003 [fragmentos, grifos nossos].

Entendendo o texto

1. O texto narra o ataque ao navio Sierra.

a) Quando o fato aconteceu?

b) Onde o fato aconteceu?

c) Quem comandava o barco pesqueiro Sea Shepherd?

(BELTRÃO, E. S.; GORDILHO, T. 2004, P62-64)

A proposta de interpretação é fechada, não abre espaço para o diálogo entre o interlocutor e o texto, basta encontrar as respostas já expostas no texto e atividade está concluída. Historicamente esta concepção de linguagem teve seu maior momento na década de sessenta, período em que a classe popular conquistou seu direito à escolarização e trouxe para dentro da escola seus padrões culturais e variedades linguísticas. A metodologia predominante era a prática e a repetição de exercícios, sem interlocução ou questionamentos.



1.3 A TERCEIRA CONCEPÇÃO - A LINGUAGEM COMO INTERAÇÃO

Esta concepção tem como maior nome Mikail Bakhtin, que vem contrapor as demais concepções, pois defende a língua viva, dinâmica. Um processo de interação verbal e social em que os indivíduos compartilham seus conhecimentos e o meio social determinará como será produzido o enunciado.

Ao ensino da língua materna sob esta visão cabe levar o aluno não apenas ao conhecimento da gramática de sua língua, mas, sobretudo, a utilização da língua como instrumento de interação social e ao desenvolvimento da capacidade de refletir, de maneira crítica, sobre o mundo que o cerca, a linguagem, nessa concepção não pode ser separada de seu conteúdo ideológico ou vivencial, já que ela se constitui pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação, que é um diálogo (no sentido amplo do termo, englobando as produções escritas). Nesta proposta o ensino da gramática deve ser ministrado de uma maneira contextualizada. Contudo houve uma distorção a partir dos anos 1980, com o entendimento de forma enviesada, priorizou-se apenas a leitura e a produção de textos ou o texto foi tomado como pretexto para o ensino gramatical.

Mais tarde, os Parâmetros Curriculares Nacionais, reforçaram também a discussão sobre o trabalho com texto, especificamente com os gêneros discursivos, mas na prática o que houve foi um mau entendimento, eram apresentados muitos gêneros aos alunos, apenas de forma superficial o que despertou os pesquisadores para este assunto e hoje temos consciência que os gêneros textuais são fundamentais no processo de apropriação da escrita. Para Bakhtin (2003, p. 262), os gêneros são “tipos relativamente estáveis de enunciados”, ou seja, formas de textos criados pela sociedade, que funcionam como mediadores entre o enunciador e o destinatário. Na proposta de Bakhtin há dois tipos de gêneros; os primários que estão presentes nas situações cotidianas informais de comunicações e na oralidade e os secundários são comunicações mais formais como discursos e na modalidade escrita.



Outros pesquisadores como Dolz e Schenewly tomaram os gêneros como objeto de ensino ao propor os cinco agrupamentos de gêneros: narrar, argumentar, relatar, instruir e expor, fundamentados nos critérios: domínios sociais de comunicação, capacidades linguísticas homogenia e a retomada as distinções tipológicas os quais seriam trabalhados por meio de uma progressão curricular.

2.0 – Por uma prática de leitura crítica.

Na concepção Linguagem como Interação, o processo de leitura é definido como uma interação entre leitor-texto-autor, portanto os significados são construídos a partir dessa interação, estabelecida por meio do diálogo entre texto e leitor, neste sentido o leitor vai além de extrair informação do enunciado e passa a produzir sentidos, daí a importância dos gêneros discursivos. A Base Nacional Comum Curricular que é “uma exigência colocada para o sistema educacional brasileiro pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Brasil, 1996; 2013), pelas Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica (Brasil, 2009) e pelo Plano Nacional de Educação (Brasil, 2014), e deve se constituir como um avanço na construção da qualidade da educação” (BNCC, 2015, p.24). Neste documento os textos que circulam dinamicamente na prática escolar e na vida social são organizados por campos as práticas de leitura, escrita e oralidade:

Campo da vida cotidiana – campo de atuação que diz respeito à participação em situações de leitura/escuta, produção oral/sinalizada/escrita, próprias de atividades vivenciadas cotidianamente por crianças, adolescentes, jovens e adultos, no espaço doméstico/familiar, escolar, cultural, profissional.

Campo literário – campo de atuação que diz respeito a participação em situações de leitura/escuta, produção oral/sinalizada/escrita, na criação e fruição de produções literárias, representativas da diversidade cultural e linguística, que favoreçam experiências estéticas.

Campo político-cidadão – campo de atuação que diz respeito à participação em situações de leitura/escuta, produção oral/sinalizada/escrita, especialmente de textos das esferas jornalística, publicitária, política, jurídica e reivindicatória, contemplando temas que impactam a cidadania e o exercício de direitos.



Campo investigativo – campo de atuação que diz respeito a participação em situações de leitura/escuta, produção oral/sinalizada/escrita de textos que possibilitem conhecer os gêneros expositivos e argumentativos, a linguagem e as práticas relacionadas ao estudo, a pesquisa e a divulgação científica, favorecendo a aprendizagem dentro e fora da escola.

(BNCC, Pág.90)

É possível observar fortemente a presença dos gêneros discursivos, inclusive repetindo em alguns campos. Como mostra a BNCC, a linguagem apresenta diferentes características em cada momento histórico e social o que evidencia seu dinamismo. A leitura na perspectiva da coprodução de sentidos está embasada na concepção dialógica de linguagem que dá autonomia ao leitor para a construção do conhecimento. Freire, (1996, p.10) destaca: “A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente”.

Certamente a BNCC que foi amplamente discutido nas escolas públicas por vários estudiosos contempla as contribuições de Paulo Freire para a pedagogia da leitura e aquisição da linguagem, quando em suas obras questionou as práticas autoritárias que desvalorizavam os contextos vivenciais e passando inclusive a valorizar “a voz do aluno”. O embricamento da leitura ao universo vivencial foi muito defendido por Freire como uma função pedagógica para a construção do conhecimento da linguagem. Atualmente, há esta preocupação com as práticas leitoras interligadas no sentido uso e reflexão crítica na compreensão dos gêneros diversos. Como aponta uma das dimensões almejada na BNCC:

O desenvolvimento de habilidades e estratégias de leitura necessárias à compreensão de um conjunto variado de gêneros (antecipar sentidos, ativar conhecimentos prévios, localizar informações explícitas, elaborar inferências, apreender sentidos globais do texto, reconhecer tema, estabelecer relações de intertextualidade,etc.).

(BNCC, p.189)



A Base Nacional Comum Curricular, faz apontamentos norteadores para o ensino que o Brasil precisa. Contudo toda pesquisa se efetivará na prática com a aplicação de um bom currículo, metodologias e avaliações fundamentadas e isso requer envolvimento de todos os professores bem como das equipes gestoras. Neste sentido, as concepções aqui apresentadas podem servir de referências para uma prática pedagógica de leitura crítica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou retomar as concepções de linguagem a fim de apontar a importância dessas teorias e seus reflexos no ensino da língua materna. Os índices mais recentes dos resultados do Exame Nacional do Ensino Médio, demonstram ineficiência no que se refere a linguagem e cada vez que uma avaliação é realizada os problemas se repetem, baixo desempenho linguístico dos alunos em situações concretas de utilização da língua. Ao que parece o ensino está na contra mão das propostas oficiais, ou seja, enquanto os documentos e avaliações oficiais trabalham a linguagem numa concepção dialógica texto-leitor-autor, nas escolas o ensino ainda está pautada gramática.

Neste sentido, percebe-se a importância do professor conhecer as concepções de linguagens e definir qual delas é mais adequada nos diferentes momentos da sala de aula ou mesmo qual delas poderá priorizar em sua prática. Este artigo demonstra que é necessário expandir as práticas discursivas que valorizem a leitura, escrita e oralidade para que haja a formação de leitores críticos e autônomos, logicamente isso envolve uma série de fatores que devem ser repensados um a um, como a formação do professor, cursos de formação continuada para os professores que já atuam como também a elaboração do livro didático.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.



- BELTRÃO, E. S.; GORDILHO, T. **Novo diálogo: língua portuguesa**. São Paulo: FTD, 2004.
- BOLZAN, D. P. V. **Formação de professores: compartilhando e construindo conhecimentos**. Porto Alegre: Mediação, 2002.
- FREIRE, Paulo. **A importância do Ato de Ler: em três artigos que se completam**. 32 ed. São Paulo: Cortez, 1996 – Coleções Questões de Nossa Época.
- GERALDI, J.W. **Portos de passagem**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/documentos/BNCC-APRESENTACAO.pdf>.
Pesquisado em 07/10/2016 as 6:45h.
- LINGUAGEM & ENSINO, Pelotas, v.14, n.2, p. 479-501, jul./dez. 2011.
- ORLANDI, E. P. **O que é lingüística**. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- POSSENTI, S. **Por que (não) ensinar gramática na escola**. Campinas, SP: ALB: Mercado das Letras, 1997.
- TERRA, E.; CAVALLETE, F. **Português para todos**. 5ª série. São Paulo: Scipione, 2002.
- TRAVAGLIA, L. C. **Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1o e 2o graus**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2002.